

que ocorreram e não ocorreram surtos dessa virose. **Material e métodos:** A presente produção foi elaborada a partir de um estudo transversal retrospectivo, com os boletins de hemovigilância do Ministério da Saúde dos anos de 2008 a 2019 e o boletim epidemiológico de casos e de óbitos por dengue no Brasil no mesmo período. Os dados foram analisados por meio do método Mann-Whitney. O intervalo de confiança utilizado foi de 95%. Os testes estatísticos foram realizados pelo software R versão 4.1.0. **Resultados:** As medianas relativas ao número de casos de dengue nos anos em que houveram e não houveram surtos de dengue foram, respectivamente, 1.450.000 casos e 580.000 casos (p-valor: 0,028). Com relação ao número de mortes por dengue, a mediana foi de 701 mortes nos anos em que ocorreram surtos e de 341 mortes nos anos em que eles não ocorreram (p-valor: 0,002). As outras variáveis analisadas, como a taxa de mortalidade por dengue, a quantidade de transfusões sanguíneas, de concentrados de hemácias e de plaquetas, a quantidade de plasma fresco congelado e de crioprecipitado, não tiveram significância estatística entre os anos de surto e de não surto de dengue, de modo que o p-valor dessas variáveis foi de 0,34, 0,26, 0,26, 0,63 e 0,26, respectivamente. **Discussão:** Por meio dos resultados da pesquisa, foi revelado que apenas o número de casos de dengue e a quantidade de mortes causadas por essa doença mostrou diferença estatística nos dois grupos analisados, o que já era esperado. As outras variáveis analisadas no estudo não mostraram diferenças significativas nas duas populações. Esses resultados conflitam com os dados da literatura, os quais afirmam que há uma sobrecarga dos bancos de sangue em épocas de surtos de dengue, principalmente por não existirem guidelines baseados em evidências científicas confiáveis sobre a utilização de sangue e de seus derivados, o que pode resultar em uso inapropriados desses componentes. **Conclusão:** A partir do que foi exposto, depreende-se que, apesar do aumento do número de casos e de mortes por dengue nos períodos de surto, não há diferenças estatísticas entre as duas populações analisadas com relação a taxa de mortalidade por dengue, o número de transfusões, de concentrado de plaquetas e de hemácias, a quantidade de crioprecipitados e de plasma fresco congelado utilizados.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.656>

AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA DA ALOIMUNIZAÇÃO ERITROCITÁRIA EM PACIENTES COM DOENÇA FALCIFORME

ACL Gomes^a, A Kalinichenko^a, SHNW Penteadó^a, JO Martins^{a,b}

^a Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP, Brasil

^b Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A terapia transfusional é um recurso de extrema importância no tratamento de pacientes com doença falciforme, entretanto, a repetida exposição ao sangue de doadores pode levar à produção de aloanticorpos irregulares

contra antígenos eritrocitários por esses indivíduos. A aloimunização eritrocitária representa um grande problema na terapia transfusional, e é considerada uma das principais causas de complicações e mortalidade em pacientes politransfundidos. **Objetivos:** Avaliar a frequência da aloimunização eritrocitária em pacientes com doença falciforme e determinar a especificidade dos aloanticorpos formados. **Materiais e métodos:** Foi realizada uma revisão sistemática a partir de levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados nos últimos anos nas bases de dados Pubmed, Scielo e Lilacs, utilizando as palavras-chave “aloimunização eritrocitária”, “anemia falciforme”, “doença falciforme”, “terapia transfusional” em português, e “alloimmunization”, “red blood cell alloimmunization”, “sickle cell”, “sickle cell disease” e “transfusion” em inglês. **Resultados:** A frequência da aloimunização eritrocitária observada nos estudos variou entre 4,1 e 51,8%, com média geral de 22,6%. Os aloanticorpos contra o sistema Rh foram os mais frequentemente observados, sendo o mais prevalente o anti-E (18,4%), seguido do anti-C (16,9%) e anti-D (10%). Aloanticorpos direcionados contra o sistema Kell (anti-K) também foram observados (6,6%). Além disso, observou-se que indivíduos que receberam mais de 10 unidades de sangue, indivíduos adultos e as mulheres apresentaram maior índice de aloimunização eritrocitária quando comparados aos demais pacientes. **Conclusão:** A alta taxa de aloimunização eritrocitária em pacientes com doença falciforme evidencia a importância da implementação de medidas que diminuam a ocorrência desse evento e aumentem a segurança transfusional. Medidas como a fenotipagem eritrocitária estendida e a genotipagem eritrocitária são técnicas poderosas na correspondência entre doadores e receptores, podendo ser consideradas ferramentas extremamente importantes na prevenção da formação de aloanticorpos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.657>

AVALIAÇÃO DA SUSCETIBILIDADE À ALOIMUNIZAÇÃO ERITROCITÁRIA COM A PRESENÇA DE CITOCINAS INFLAMATÓRIAS EM PACIENTES COM DOENÇA FALCIFORME

ES Rodrigues, DGL Laroque, FLS Santos, J Milhomens, DT Covas, S Kashima

Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Introdução: A aloimunização eritrocitária é uma complicação grave relacionada à terapia transfusional de indivíduos com Doença Falciforme (DF). A presença de um estado pró-inflamatório precedendo a terapêutica de transfusão pode ser um fator relevante para o desenvolvimento de anticorpos eritrocitários. Desta forma, identificar fatores preditivos e compreender as etapas do processo de aloimunização eritrocitária em pacientes com DF pode ajudar no manejo desta doença e de outras que requerem a terapia de transfusão. Neste trabalho investigamos a possível associação de suscetibilidade à aloimunização eritrocitária com a presença

